

quem serão os verdadeiros beneficiados e para quem serão socializadas as perdas.

Pouco importa se ela ocorra dentro ou fora das escolas. É claro que toda educação formal tem os limites da própria instituição, contudo ela não é menos importante e/ou menos necessária que a que ocorre através das organizações sociais e políticas no interior da sociedade civil, como movimentos sociais, associações, entidades e partidos preocupados com a problemática ambiental.

O importante é saber discernir a concepção de sociedade, progresso e desenvolvimento que está sendo difundida nessa prática educacional.

Se estamos apenas justificando os erros e lamentando "o preço a ser pago" pelo progresso e pelas maravilhas advindas do avanço tecnológico, se estamos justificando os contrastes existentes no mundo atual, atribuindo o mérito aos "desenvol-

vidos" e culpando os "subdesenvolvidos" pelos atrasos e distorções, apesar de comemorarmos "o dia da árvore", "o dia do meio ambiente", usarmos todo um *kit* ecológico de vanguarda, inclusive o de propagarmos a defesa da educação ambiental, tal como hoje defendem e financiam os grandes grupos multinacionais e transnacionais, principais responsáveis pela devastação de nossas reservas ecológicas e de nossa miserabilização.

Ou, se realmente estamos imbuídos de uma outra filosofia, uma outra concepção de desenvolvimento, de cultura, capaz de frear a ganância do lucro, dos modelos embasados na produção em larga escala, do consumismo exacerbado, da contradição das classes sociais, se estamos desenvolvendo uma vontade revolucionária de construção de uma outra ordem social, cuja matriz leve em consideração o homem por inteiro, o homem-natureza.

Bibliografia citada:

- FRIEDMANN, E., NAVILLE, Pierre. *Tratado de Sociologia do Trabalho*. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974, vol. 2.
- MARX, K., ENGELS, A *Ideologia Alemã*. São Paulo, Ciências Humanas, 1979.
- SILVA, Tânia Elias M. *As Várzeas Ameaçadas - Estudo Preliminar das Relações entre as Comunidades Humanas e os Recursos Naturais da Várzea da Marituba no Rio São Francisco*. Aracaju/São Paulo, Programa de Pesquisa e Conservação de Áreas Úmidas no Brasil - Pró-Reitoria de Pesquisa - USP - União Internacional para a Conservação da Natureza, Fundação Ford, 1990.
- TIEZZI, Enzo. *Tempos Históricos, Tempos Biológicos - A Terra ou a Morte: Os Problemas da Nova Ecologia*. São Paulo, Nobel, 1988.

EDUCAÇÃO FÍSICA: CRÍTICA À MEDIOCRIDADE

*Francisco Mauri de Carvalho Freitas**

O recente Congresso de Filosofia, História, Sociologia e Educação Física Comparada - Agosto de 1990 -, realizado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UFRJ, apesar de ter representado um marco avançado, inquestionável, na luta

que se trava no interior da Educação Física, levada a efeito pelos estudantes do Centro Acadêmico dos Estudantes de Educação Física da UERJ, a quem rendemos votos de admiração e solidariedade, mesmo assim, fomos levados à construção

* Licenciado em Educação Física - UNIFOR, Mestre em Pedagogia do Movimento Humano - UGF, Pesquisador da Câmara de Estudos Interdisciplinares do Departamento de Lutas da EEFD/UFRJ.

de uma crítica, uma verbenação, que deixa aflorar todo o nosso ceticismo à retórica dos doutos palestrantes, com raras exceções.

Esse evento, pelo menos para nós, revelou o compromisso político de uma parcela significativa da intelectualidade da Educação Física. Perdida em devaneios píticos, diagramas históricos tergiversados e “filosofias” patéticas, verdadeiros pastiches, essa intelectualidade deu uma cabal e inequívoca demonstração de como é possível, ainda, a fragmentação do objeto de estudo ou do fenômeno objetivado e o afastamento, adrede, da realidade, para continuar com a sua corrida prescrita pelo oportunismo político.

Palestras bizarras e bizantinas, regoço de intelectuais, como, por exemplo, “Perspectivas Futuras da Educação Física” — verdadeira demonstração circense de futurologia — e “Educação Física Comparada” (comparada?) —, procuram delinear “análises” modernas ou simplesmente explicitar pontos de vista, aquém da Ciência, que não iam além de especulações hermenêutológicas ou fatos historiográficos e suas mil interpretações. Tergiversações esotéricas sobre o “corpo”, abstrato e vácuo, e tantos outros devaneios foi a tônica de alguns discursos.

Todavia, a atenção para com a Comissão Organizadora — Professor ROBERTO FERREIRA DOS SANTOS e os Acadêmicos CARLOS MAGNO, MARCELO GUINA e VÍCTOR ANDRADE —, e aos companheiros de luta, ADROALDO GAIA, FLORIS-MAR OLIVEIRA, VINÍCIUS RUAS (história viva!), VALTER BRACHT, ALFREDO HOMES DE FARIA JR. (o pai da idéia materializada ou que se fez fato), GEORGETE HORTALE e FERNANDA SIMONE (representado tantos outros companheiros de luta, ausentes) e outros professores de igual importância, consideramos apropriado este labor, onde a crítica apaixonada, dura e pertinaz, substituindo o devaneio acadêmico, crítica a sapiência da “doutorice” professoral que, como uma *societas sceleres*, procura, fazendo a apologia do abstrato, manter seus privilégios, muitos dos quais foram adquiridos ainda no período dos generais ou período do BOLOR VERDE. O fartum dessa “doutorice” evidencia uma verdadeira simbiose entre os ditadores e seus apaniguados.

Aqueles que tomarem nossa crítica como panfletária, não no seu sentido original — “escrito polêmico em estilo veemente ou escrito sobre assunto político em estilo violento” (vide AURÉLIO e AULETE) —, mas em sentido pejorativo, detratador, como algo partidarizado e destituído de arrazoado científico, estão, a bem da verdade, confundido e fugindo à justa acadêmico-política. Não a justa pela justa. Mas, a justa por uma outra Sociedade e uma Educação Física encaradas sobre uma outra dimensionalidade político-ideológica.

ESPONTANEÍSMO IDEOLÓGICO E SIMULACRO POLÍTICO

Trotando por vias tortuosas da imparcialidade política e da neutralidade ideológica e confundindo politização com partidarização, mas, subsumida ao simulacro político brasileiro, “colorido” em sua forma e burlesco em sua essência, a comunidade dos pesquisadores da Educação Física, a parte conservadora e reacionária que se fez presente no evento em tela, não visualiza que a sua falsa recusa em participar direta e abertamente do processo político brasileiro e a sua conduta mentirosa, “não somente deturpa e torce a realidade, instiga tendenciosamente, encobre, mas também inventa, abandona os fatos por versões e faz destas os fatos” (DEMO, 1988, p. 15).

Sob falsos filosofemas e ecléticos teoremas, essa comunidade de pesquisadores demonstra ser portadora de uma concepção de mundo (*weltanschauung*) supersticiosa e caótica que aceita a Ciência como a procura desinteressada da verdade, absoluta e universal, válida tanto para os excluídos como para os incluídos. A Ciência para essa intelectualidade apresenta-se, pois, como **poder apreendido e não como produto — trabalho**.

Por trás de um bloco político inercial, letárgico, essa intelectualidade, portadora, ainda, de um irracionalismo grosseiro, esconde ou procura esconder o fato de que, primeiro, não faz parte dos excluídos; segundo, que viveu e vive muito bem, à sombra dos laranjais da plutocracia e do Estado privatista brasileiro; e, terceiro, que a Educação Física sempre foi usada, no Brasil, como mecanismo ou aparato ideológico-repressor a serviço de governos autoritários, autocráticos.

O agravante está em que mente com engenho e arte. Tripudia, usando a maquinaria escolástica, pseudocientífica, sobre a ingenuidade, a ignorância e a boa fé alheia. Ah! Nisto é profundamente competente, como ninguém. Tal comportamento soa “como uma gargalhada cáustica de quem ganha a vida com a pobreza e a ignorância da população” (DEMO, *ibid*).

Se bem observarmos, essa comunidade de pesquisadores fica sob suspeita, por ter assumido, há algum tempo, um mimetismo de atitudes que encobre ou procura encobrir sua vinculação simplória ao simulacro político brasileiro, através da deturpação dos fatos históricos; da mistificação acadêmica e pela manipulação de padrões metodológicos ou paradigmas que mais se assemelham a verdadeiros paradigmas; da sua pretensa despolitização e desideologização, garantes de imparcialidade; do seu subjetivismo radical que prega a total isenção ideológica para praticar ideologias.

Aqui, é necessário um parêntese para com ALTHUSSER 8174, p. 35) afirmarmos, de modo claro,

irreprochável, que os próprios "cientistas são portadores de idéias falsas sobre a Ciência". Falsas evidências que, longe de serem meios de progredir, representam, na realidade, obstáculos ou barreiras epistemológicas, soluções imaginárias, fragmentações especulativas sobre os fatos históricos, que encobrem a realidade objetiva com uma fugaz fusão do Imaginário com a realidade.

SODRÉ (1984, p. 67), em sua "Máquina de Narciso", trabalhando sobre a construção do imaginário, nos permite fazer uma inferência que mantém uma analogia fundamental com a sua obra. A fugaz fusão do Imaginário com a realidade deixa transparecer o aparecimento híbrido de um imaginário objetivado — imagens de cuja produção ou de cujo circuito dialético estamos cada vez mais afastadas (simulacros) — que privilegia um modelo político-econômico e educacional, reconhecido e fundamentado pela Ciência, que, precipuamente, visa à abolição de uma certa organização popular, sindical e comunitária, bem como a destruição dos "laços interpessoais, atomizando os indivíduos no espaço urbano e fixando-os como sujeitos-consumidores ou sujeitos funcionais" (ibid., p. 69).

A prática ideológica dos pesquisadores da Educação Física, fluindo de uma ideologia espontânea, falseadora do real, delinea-se como a faceta maior da ideologia científica que forma corpo com a prática científica. Surge, a partir daí, uma ideologia, que se quer sobre as questões políticas-ideológicas que se debatem nas águas lamacentas da farsa política, a ideologia espontânea dos cientistas, dos pesquisadores.

Essa ideologia reflete, especularmente, a ideologia hegemônica em dado momento histórico. No Brasil, "colorido", não é outra senão a ideologia temporária do liberalismo modernizante e reformador. Se é verdade que esse liberalismo moderno tergiversa e obnubila a possibilidade de compreensão do real, fica claro que os seus reflexos especulares, dentre eles a ideologia espontânea dos pesquisadores da Educação Física, também trabalham em função e sobre a adulteração dos fatos históricos.

Por outro lado, perceber a ideologia veiculada e vinculada pelo ensino da Ciência ou de seus paradogmas, pela prática científica, pela metodologia da pesquisa e pela pedagogia introjetada, nada mais difícil à mentalidade sincrética e supressiva desses intelectuais. ALTHUSSER (1974, p. 46), a propósito, diz: "eles estão na cultura como peixes na água: mas os peixes não vêem a água em que se banham. Pois tudo neles se opõe à percepção exata do lugar que ocupam na sociedade, a cultura de que se alimentam, o ensino que ministram, as disciplinas que praticam, bem como o lugar que ocupam como intelectuais na sociedade".

Desconhecer facetas da realidade, por conve-

niência própria, é seu lema de vida.

Até porque o positivismo tecnocrático que norteia a passiva submissão dos intelectuais aos simulacros políticos de corte neo-liberal, modernizante e reacionário, faz com que aquilo que deveria passar-se à sua frente, passa, na verdade, em sua essência, nas suas costas.

Desprezar outras formas de saber, antagonizar-se ao senso comum, ao conhecimento popular, é outra faceta da *weltanschauung*, (concepção de mundo) desses intelectuais, homens da pesquisa. Como refere RUBENS ALVES (1988, p. 11), "o cientista virou um mito (...) perigoso, porque ele induz comportamentos e inibe o pensamento". Ele não compreende que "o senso comum e a Ciência são expressões da mesma necessidade básica, a necessidade de compreender o mundo, a fim de viver" melhor e sobreviver" (ibid., p. 20).

Pregando uma isenção ideológica, os nossos pesquisadores, que pesquisam (dizem!) as "ciências" do desporto — "ciências" parcelares — ou, ainda, de uma certa motricidade humana, também não compreendem (eta cabeça dura, subintelectuais de miolo mole!), que os métodos são anzóis. E, "da mesma forma como os anzóis determinam os resultados da pescaria, os métodos pré-determinados o resultado da pesquisa. Porque os métodos são preparados de antemão para pegar aquilo que desejamos pegar" (RUBENS ALVES, 1988, p. 106).

Assim, se utilizarmos uma metodologia marxista, no campo da pesquisa pedagógica, por exemplo, os resultados (os peixes pescados encontrados serão marxistas. Se, por outro lado, for utilizada uma metodologia capitalista, os resultados serão um beneplácito ao modo de produção capitalista.

De forma irônica RUBENS ALVES comenta: "a ciência se parece, às vezes, com os detetives que espancam o suspeito para obter a confissão".

Cultivando uma retórica sofisticada, um mimetismo de atitudes e um conjunto de ilusões antropomórficas, os pesquisadores da Educação Física, isto é, em sua quase totalidade, buscam influir na elitização como um aspecto do processo de dominação e de autopropetuação no poder. Como um *colégio de cardais*, eles, pela fantasia democrática que ostentam, tudo em nome da Ciência, se revezam nos comitês dirigentes dos órgãos de financiamento de pesquisa, nas direções colegiais ou nos postos-chaves indispensáveis à continuidade da ignomínia política brasileira. Simulacro de ensino, pesquisa e extensão. Simulacro universitário.

A nosso juízo e a rigor, a intelectualidade da Educação Física, os pesquisadores e os professores — com raras exceções — estão envolvidos, na essência, com o empreendimento capitalista,

de caráter hegemônico, que é obter consentimento das "massas" laboriosas pela ideologia transitória, de corte neo-liberal, difundida e introjetada.

FLAMARION CARDOSO (1988, p. 61) evidencia que "o que as pessoas fazem está, na sua maior parte, programado pela sociedade à qual pertencem. Nenhum comportamento pode ser compreendido, ou identificado como pertencente a uma modalidade qualquer de comportamento compreensível, se não estiver previsto em alguma codificação socialmente difundida". Assim, um dos fatores que dificultam a apreensão da realidade, por parte da intelectualidade da Educação Física, é a falta de compreensão das "programações sociais de comportamentos" que incluíram, em seu cerne, "variantes e margens — igualmente programadas — de casualidade ou espontaneidade que, com frequência, permitem e mesmo supõem que o indivíduo se sinta livre".

Neste sentido, o pensamento rousseauiano diria: o homem (civilizado ou urbano) corre para as suas cadelas pensando estar livre!

Fica claro, pelo menos para nós (pesquisadores do Projeto Brasil da EEFDF/UFRJ), que pensamos a totalidade fenomênica, onde a "coisa em si" kantiana está reduzida a uma faceta do cognoscível amanhã, que a conduta dessa intelectualidade, estribada em salmódias existenciais e atomizantes, parcelares, derivando da ideologia modal e afirmando-se (?), adrede e espertamente, para uma ideologia própria e espontânea, fragmentadora da realidade objetiva, por exagerar caricaturalmente o fenômeno, em sua **imediatez**, em sua aparência, e negligenciar sua **mediatez**, as causas que o explicam, penetram no fundo do mundo grotesco, chegando ao paroxismo do cômico-grotesco.

O GROTESCO COMO ARMA DO ESPONTÂNEO

O exagero das conclusões ou das inconclusões ou não-conclusões, bem como o hiperbolismo da trama estatística tem sido a marca que caracterizam a produção "científica" academicista, positivista, hegemônica nas publicações ou periódicos que tratam do estudo da Educação Física e dos Desportos, no Brasil.

No estilo grotesco BAKHTIN (1987, p. 266) refere que se assiste "a ridicularização de certos fenômenos sociais, levando esses vícios ao extremo", de tal forma que "o exagero, o hiperbolismo, a profusão, o excesso são os sinais característicos mais marcantes do estilo grotesco".

O grotesco, marca indelével do teatro humano, flui da utilização cênica dos olhos e da boca (ou da careca não-assumida!) quando da comunicação oral pública, em eventos simposianos, congressuais e análogos, da Educação Física, especificamente.

Neste sentido, BAKHTIN (1987, p. 277) diz: "os olhos arregalados interessam ao grotesco, porque atestam uma tensão puramente corporal". E mais: "o rosto grotesco se resume afinal em uma boca escancarada, e todo o resto só serve para emoldurar a boca, esse abismo corporal escancarado e devorador".

Ora, utilizamos a analogia do grotesco com o intuito de evidenciar que característica do falso intelectual ou do subintelectual de miolo mole da Educação Física tem sido a utilização dos olhos esbugalhados, por trás de grossas lentes; o rosto grotesco, rotundo e iracundo (próprio de um "gorila amestrado") originado pela deturpação somatopsíquica, pelo sedentarismo, que tão bem caracteriza a perpetuação do **paralelismo** cartesiano; o corpo quixotesco, ornado com uma persona talhada a escopro cego, dura catadura, nimbada, ainda, com as vestes de uma falsa e farsaica, chaminé ambulante, sujo, maltrapilho, pobre diabo, falsa esquerda ou esquerda esquizofrênica; enfim, a fusão de uma boca escancarada com um nariz fálco, aduncado na hipocrisia, tão nitidamente observável em alguns desses intelectuais ou prestidigitadores renomados da Ciência.

Se o exagero, o hiperbolismo motor e o fartum produzido pela má higiene, são características fundamentais do grotesco que se alojou na Educação Física, a nossa intelectualidade é grotesca — com raras exceções — e pedante, na medida em que exagerando a função da Ciência, coloca a **vida** aquém daquilo que é falado sobre ela.

RUBENS ALVES (1988, p. 17), saindo no **resgate da vida** como fulcro determinante da conduta ou da prática científica, diz: "a vida é muito mais que a Ciência. A Ciência é uma coisa entre outras, que empregamos na aventura de viver, que é a única coisa que importa". Ratificando, MANUEL SÉRGIO sublinha: a Ciência é uma aventura humana.

Todavia, nas sociedades classistas, a Ciência, enquanto fonte mórbida, doentia, de prazer, pelo saber e pelo poder, tem conduzido a deturpações, a falsas ascèses, a exegeses grosseiras, geradoras de paradogmas, processos inquisitoriais, expurgos e manipulações, enfim, a geração da **cultura do silêncio** e da **pedagogia do consenso**. Tudo o que agride de modo direto a sensibilidade desses doutos intelectuais é considerado ataque pessoal, portanto, não-acadêmico e panfletário.

Ancorados numa **hermenêutica** idealista e fenomenológica, numa **heurfística** anticientífica, numa **pedagogia heurística** e numa **maléutica** anti-socrática — onde o multiplicar as perguntas é substituído pela supressão da possibilidade da pergunta, deste modo, os pesquisadores têm como tarefa principal, **pari passu**, com os professores (condutores de crianças, não sabemos para onde!), como os sofistas, ensinam os educandos ou os iniciantes na

pesquisa científica (na arte de prestidigitar), a **propedêutica** do pensar, falar e agir. Grotasca função, já que a metodologia utilizada está direcionada para ocultar a discussão sobre o concreto — a **FOME OCULTA**, que mata milhões de crianças, em nome de uma Ciência isenta de ideologia e sob subterfúgios e enganos verbais.

Todos os meios têm sido utilizados para alcançar os fins propostos. Destarte, a construção de um imaginário objetivado, dito científico, tem sido o **quid** escamoteador da **mediatidade fenomênica**. Como um faquir que, com a ajuda de sofismas, argumenta e refuta qualquer postulado, esses intelectuais da Educação Física substituem as relações e as conexões reais pelas falsas. Desde que não sejam os postulados da realidade que afirmam e reafirmam sua concepção de mundo (**weltanschauung**) e sua situação na esfera do poder.

ECLETISMO: UM ENGODO ACADÊMICO

O ecletismo se evidencia em momentos de crises agudas das sociedades capitalistas que, na ânsia de darem uma explicação factual do ocorrido, procuram reunir teses antitéticas, tais como **liberdade, igualdade e propriedade privada**, numa unidade (nova formação social) nova e superior, elvada de conceitos modernos, que, fundamentalmente, servem à manutenção do **status quo**.

Neste sentido, atribuindo que a perversidade social deriva muito mais da moral ou da ética, i.é., da falta de moral, da amoralidade ou da incoerência ética, do que da infra-estrutura, da base econômica, esses intelectuais (sem vinculações) sem compromisso explícito, o que reafirma o seu oportunismo, tentam substituir ou impedir a consubstanciação do pensamento dialético, materialista e histórico, reafirmando o **ecletismo** acadêmico decorrente de uma mistura gelatinosa e incoerente de doutrinas, concepções e opiniões antinômicas. Sem **parti pris**, entendemos que o regougo da retórica academicista, através de falsos ajustes e manipulações frasais, procura redimir os intelectuais da sua acídia para com a **mediatidade fenomênica**, as causas que o explicam.

O **ecletismo**, uma tautologia acadêmica, é uma fusão do que é incompatível e, portanto, obscurece as conexões reais que formam o todo.

O **ecletismo**, repetindo o erro de forma lógica, com palavras diferentes, buscadas, e muito presente nos discursos **magistrals** dos doutos intelectuais, obnubilando a realidade, coloca os educandos numa condição de assistentes passivos da ação histórica que acontece por fora da órbita em que vivemos. Vivenciar o vivido é uma pura abstração fenomenológica.

Os educandos ou os iniciantes na pesquisa — na familiarização com a prestidigitação da Ciência, devem viver, desta mentira, “ao abrigo dos signos e na recusa idiota do real. A imagem, o signo, o símbolo, a mensagem, tudo o que consumimos é a própria tranqüilidade selada pela distância ao mundo e que ilude, mais do que compromete” (BAUDRILLARD, 1981, p. 26). Tal pedagogia ou proposta científica objetiva desqualificar política e permanentemente todo estudante ou aprendiz de “alquimista” que intencione abandonar sua condição de agente passivo, de consumidor psicótico no processo histórico ou na sociedade de consumo.

O **ecletismo**, inequivocamente servil ao “dispositivo”, procura condicionar consciências como produto das estruturas arcaicas geradas historicamente, que apostam em hipóteses icônicas, falsos símbolos e imagens, e na manutenção da relação de dominação (quem detém o saber, detém o poder, nas Universidades Públicas onde a **res publica** foi aviltada!) que tem alocado nos subterrâneos da passividade e do servilismo medíocres de milhões de indivíduos de ambos os sexos, que não têm a mínima possibilidade, sob a ditadura do poder acadêmico, de resgatar a sua cidadania universitária (1) pela aquisição dos “saberes” acadêmicos, que, no seu conjunto, representariam a chave-mestra necessária à compreensão filosófica, crítica e radical, da totalidade humana e do mundo dos homens, e (2) pela aquisição da titulação, do diploma, chancelado pela burguesia ou sua capatazia douta, chave secundária, mas necessária, ao exercício acadêmico nas Instituições de Ensino Superior.

Felizmente, o **ecletismo** não consegue hermetizar consciências e muito menos sua pedagogia, **tautológica**, na exata medida em que a “consciência, gerada a partir de condições infra-estruturais, como refere FREIRE (1986, p. 80), tem a possibilidade de se voltar sobre o seu próprio condicionante e se conhecer condicionada”. Se esta relação dialética entre o condicionante e o condicionado não existisse, seria impossível a feitura do presente trabalho, da presente diatribe ou verberação, bem como a antevisão de que os nossos pesquisadores empulham mais do que explicam.

As contradições existentes em qualquer relação pedagógico-política, contradições reais, objetivas, produzem os caminhos necessários à superação e à emancipação da Ciência, enquanto aventura humana e, necessariamente, voltada para a resolução da problemática que agride deletariamente dois terços (2/3) da humanidade: A FOME OCULTA. É nesta ótica que FREIRE refere ser a **conscientização**, processo de ruptura entre o condicionado e condicionante, um produto do engajamento político que persegue a outrificação social e, conseqüentemente, na Educação Física, a transformação das **bestas esplêndidas** em verdadeiros cidadãos, i.é.,

indivíduos cômicos de seus direitos e deveres. Assim, "não me conscientizo para lutar. Lutando me conscientizo", relembra FREIRE (1986, p. 111).

Por fim, enfatizamos que a prática prestidigitadora peculiar aos pesquisadores, homens de ciência, para sermos fiéis à filosofia que abraçamos, só será transmutada em prática realmente científica, desmistificadora, desveladora, quando ela corresponder às tendências objetivas do desenvolvimento social que contemple a totalidade da população trabalhadora e não apenas 6% ou 10% dessa mesma população.

Esse caráter científico fundamenta-se no reflexo adequado da vida social, na interpretação materialista e dialética dos fenômenos e dos processos sociais, no enfoque histórico concreto e classista de sua análise e interpretação (RESHETÓV, 1985, p. 31).

O **ecletismo**, como já dissemos e não custa repetir, trabalhando o fenômeno em si, na sua **imediatidade**, obscurece a **mediatidade**, as causas (**noumenais**) que o explicam; obnubilando os "pensares" de outrem, nega o **logos**, a razão, a capacidade de apreensão e decomposição crítico-científica da realidade concreta.

Contudo a Ciência, sob a ótica marxista-revolucionária, não apresenta uma visão unilateral dos fenômenos sócio-históricos e não identifica o processo histórico com uma força mágica, mítica, tributária da agonia onisciente, onipresente e onipotente de uma "entidade" cósmica. É nas atividades materiais, nas ações sócio-históricas dos homens que o marxismo-revolucionário, ao contrário do irracionalismo sem horizontes dos **ecleticos**, busca as causas primeiras e mais profundas das desigualdades sociais.

A propósito, MARX (1989, p. 86), enfatiza sobre a necessidade de radicalidade na análise e interpretação do objeto de estudo, quando diz: "... a teoria é capaz de se apossar da massa ao demonstrar-se **ad hominem**, e demonstra-se **ad hominem** logo que se torna radical". E mais: "... a força material só será derrubada pela força material; mas (que) a teoria em si torna-se também na força material quando se apodera das massas".

No entanto, o alvo da nossa crítica, os intelectuais sem vinculações ou, em erudito, a **freisch webende Intelligenz**, não só os da Educação Física, têm trabalhado diuturnamente, insones e pedantes, construindo obstáculos epistemológicos, ilógicos, que devem impedir a apropriação pelas massas, estudantes e trabalhadores, de uma teoria revolucionária, o **marxismo-leninismo** (teoria que alguns doutos reformistas e liquidacionistas procuram evidenciar como exaurida!), que, em se transformando em força material, será o único instrumental teórico capaz de apontar aos oprimidos, aos excluídos, o verdadeiro (e toda a verdade é revolucionária

— GRAMSCI dixit!) caminho para a sua emancipação.

Essa teoria se configura como um arfete revolucionário capaz de derrubar as pesadas portas do Capital. O **marxismo-leninismo** continua sendo o imperativo categórico imprescindível à compreensão e ao desmonte, conseqüente, das estruturas sociais "em que o homem surge como ser humilhado, abandonado, desprezível" — que na exclamação de um francês, por ocasião da proposta de imposto sobre cães, encontra sua melhor e mais crítica expressão: "Pobres cães! Já vos querem tratar como homens!" (MARX, 1989, p. 86).

Finalizando, diríamos que a Educação Física, seus pesquisadores, precisam de uma transformação radical que esteja constituída pelo retorno às totalidades sociais significativas, aos processos sociais integrados. É preciso des-inverter radicalmente as perspectivas: (1) valorizar o centro em relação à periferia, buscar na essência o fulcro de formas distorcidas pelos modismos descartáveis; (2) valorizar a realidade social e não o seu avesso — imaginário objetivado, sonhos, ideologias exóticas e bizarras, individualismos animalísticos; (3) é necessário compreender que o tecnicismo que valoriza a robótica e "outras técnicas de vanguarda oculta uma grande pobreza metodológica: as fontes são escolhidas em forma arbitrária, tratadas sem rigor, usadas de maneira pouco crítica e racional" (FLAMARION CARDOSO, 1988, p. 100).

Assim, ao terminarmos, por ora, o presente labor (faceta de um mosaico em construção!), estamos convictos que o **ecletismo** e a **pseudoneutralidade** política dos nossos pesquisadores ou prestidigitadores "deitados eternamente em berço esplêndido, ao som do mar e a luz do céu profundo", intelectualidade sem vinculação, têm servido como panóplia ideológica do seu compromisso, por omissão ou participação espúria, com a hegemonia econômico-política "collorida" que, neste exato momento histórico — junho de 1991 —, momento "collorido" pela **Ignorância** dos excludentes e dos excluídos, está a conduzir este país a uma vasca social de magnitude incensurável.

A inconseqüência ignora que robustece o individualismo, na sociedade brasileira, representa a pessoa dos intelectuais que, homiziados no grande bordel do Capital, constroem, como entidades monadológicas, quotidianos enclausurantes, mundos quiméricos, imaginários "colloridos", verdadeiras janelas invertidas de um quarto "... em cujo interior a exterioridade cruel do mundo se torna íntima e calorosa, com calor perverso" (BAUDRILLARD, 1981, p. 28).

Subjetivistas, com **parti pris**, esses pretensos homens de ciência, esses pesquisadores, reduzindo todo o seu interesse científico ao estudo de teorias peregrinas e ascéticas, divorciadas, **in totum**, da realidade, não desejam encontrar a verdade dos

fatos. Como evidencia MAO TSÉ-TUNG (1979, p. 7), "... são brilhantes, mas sem substância, são frágeis e sem firmeza. Julgam-se infalíveis, tomam-se pelas maiores autoridades e são onipresentes, como **enviados Imperiais**. E mais: "a fraseologia pretenciosa, distribuída a torto e a direito, e a simples enunciação dos fenômenos em ordem numérica, 1, 2, 3, 4, de nada servem" (ibid., p. 10).

Como o **diabo de GOETHE**, na sua obra FAUSTO, frente ao que presenciámos e estamos a presenciar, afirmamos: "... sou o espírito que sempre nega, e isso com razão porque tudo que existe merece acabar".

A rigor, não é a Educação Física que é preciso criticar; ela enquanto fenômeno cultural é inelutável. O que é preciso é combater o desiderato político e a concepção de mundo — a **weltanschauung** —, que se apóiam num certo **apriorismo**

e num certo **homem genérico**. Essa **weltanschauung** tem camuflado a significação ou a função social da Educação Física e mascarado o fato de que, num sociedade de classes, ela apresenta, enquanto prática pedagógica, uma significação, clara e irretorquível, de classe.

Não perceber o contraditório é fazer o JOGO DA DIREITA. É ser portador de uma **cegueira mental**; é apostar na manutenção da **mediocridade** que abriu suas asas sobre a nossa sociedade; é, fundamentalmente, reafirmar em nosso país a exacerbação da CARNAVALIZAÇÃO DA MISÉRIA.

Enfim, como sentenciou MARX, "**nihil humani a me alienum puto**", isto é, "nada do que é humano me é estranho", e o que importa é a LUTA revolucionária por uma sociedade justa, de irmãos, de companheiros que repartam dores e alegrias. Uma sociedade onde o adverso foi trocado pelo verso.

ATIVIDADES CORPORAIS NA INFÂNCIA: COMENTÁRIOS ÀS PERSPECTIVAS DE LE BOULCH, WALLON E LURIA

Fernanda Paiva *

I - INTRODUÇÃO

Ao início deste trabalho pretendíamos abordar a importância das atividades corporais na infância. No entanto, nosso senso crítico criou a designação "atividades corporais" no sentido de entendermos que tal expressão carece de uma definição mais que biológica para elucidarmos sua importância, bem como a atuação da dita Educação Física enquanto condição *sine qua non* para o seu sucesso.

Julgamos essa ser uma questão demais complexa a ser "espremida" neste breve artigo. A título de esclarecimento, gostaríamos de mencionar que esta questão tornou-se nosso objeto de estudo na elaboração da dissertação conclusiva deste curso.

No entanto, restava-nos o compromisso de elaborar este artigo, além da curiosidade, ainda que usufruindo de uma certa confusão, de ensaiarmos uma crítica acerca de considerações envolvendo o desenvolvimento psicomotor dos infantes.

Procuramos nos ater ao encaminhamento biológico da questão, mas conclusivamente extrapolamos, justamente por entendermos que a dimensão biológica contribuiu, mas não é suficiente para evidenciarmos as diferentes fundamentações das perspectivas da motricidade humana aqui abordadas. Carece a educação física de um esclarecimento profundo — que, infelizmente, ainda não estamos capacitados a fazer — da relação de suas práticas com a formação do homem integral.

* Mestranda em Pedagogia do Movimento Humano pela Universidade Gama Filho.